

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega
Portugal (franco de porte, m. torte)	3\$800	1\$900	6950	8120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

17.º Anno — XVII Volume — N.º 542

11 DE JANEIRO DE 1894

Redacção — Atelier de Gravura Administração

Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Os ultimos dias do anno de 1893 e os primeiros de 1894 foram assignalados por um grande movimento de caridade, que está dando já os seus beneficos resultados.

No dia de natal, Sua Magestade a Rainha a sr. D. Amelia inaugurou em Alcantara, á custa do seu bolsinho, um dispensario para creanças pobres, dispensario a que já nos referimos no nosso numero do Natal, que tivemos a honra de dedicar á augusta e caridosa soberana, e a que se referiu tambem em artigo especial o nosso presado collega o sr. Zepherino Brandão, e esse dispensario tem sido ate agora frequentado quotidianamente por numerosas creanças pobres, que ali tem ido buscar remedio aos seus males, e lenitivo á sua miseria; poucos dias antes as sr.ª duqueza de Palmella, marquesa de Rio Maior e D. Julia de Brito e Cunha inauguravam uma instituição de todo o ponto meritoria, e nova na nossa cidade, a cosinha economica, que fornece por uma quantia diminuitissima, excellentes jantares abundantissimos e bem cosinhados, que põem ao abrigo da fome as pessoas mais indigentes e cujo successo tem sido de tal ordem — uma media de quinhentos jantares por dia — que a direcção d'essa santa instituição, pensa já em estabelecer mais duas cosinhas nos bairros mais necessitados de Lisboa; dias depois nos primeiros dias do anno novo, inaugurou-se no salão da Livraria Gomes, ao Chiado, uma exposição de esculptura

promovida pela illustre e caridosa duqueza de Palmella, exposição cujo producto se destina á creação d'outra obra pia, uma sopa economica para os pobres da Cortegana, obra pia de que teve a philanthropica idéa e a santa iniciativa, uma illustre dama estrangeira de ha muito residente em Portugal, a sr.ª baroneza de Leibern.

Essa exposição não é porem só grande sob o ponto de vista do seu fim, a caridade, é tambem importantissima sob o ponto de vista artistico e

é uma das mais brilhantes exposições de esculptura que nos ultimos annos se tem feito no nosso paiz.

Figuram n'ella trabalhos notabilissimos, que muito honram a arte nacional, e, á frente d'elles o busto em bronze, *Fiat Lux*, uma esplendida esculptura da sr.ª duqueza de Palmella, que qualquer dos estatuarios mais illustres lá de fóra assignaria com prazer, e que prova que a sr.ª duqueza de Palmella, se não tivesse de ha muito entre nós a proeminencia que lhe dá o seu nascimento, e as

altas qualidades do seu espirito, do seu caracter e do seu coração, tel-a-hia pelo seu brilhantissimo talento, que faz d'ella uma das mais distinctas glorias artisticas do nosso paiz.

Circundando o magnifico trabalho da sr.ª duqueza de Palmella, vêem-se esculpturas notabilissimas, como o retrato de M.^{me} Michou, em marmore de Carrara, trabalho de alto valor artistico, feito pelo sr. Teixeira Lopes; *Eucharistia*, estatua em gesso, por Alberto Nunes; busto em gesso de Luz Soriano, e *Cambões*, estatua em gesso, de Simões de Almeida Junior; *Cabeça d'estudo*, de Teixeira Lopes; busto do actor João Anastacio Rosa, de Victor Bastos; busto de Alexandre Herculano, em marmore, e modelo em gesso d'uma caryiade representando o Trabalho, de Calmels; um busto em gesso do patrão Joaquim Lopes, de Moreira Rato Junior; a *Musica*, estatua em bronze, de Teixeira Lopes; um busto de creança e um medalhão da sr.ª D. Margarida Mayer; uma cabeça de creança, em marmore, da sr.ª D. Albertina Falck; *Geraldo sem Pavor*, estatueta do sr. Alberto Nunes; um escravo de joelhos, estatueta em bronze, de Teixeira Lopes, pae, etc., etc.

N'esta notavel exposição figuram tambem duas aquarellas d'El-Rei D. Carlos, e uma *Cabeça de velho*, a carvão, feita pela Rainha a sr.ª D. Ame-



LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM

DIRECTOR DO CONSERVATORIO REAL DE LISBOA — FALLADO EM 4 DE DEZEMBRO DE 1893

(Cópia d'uma photographia do Sr. A. Serra.)

lia, tres trabalhos muito distinctos, com que Suas Magestades quizeram concorrer para a obra de caridade, que está exposição representa, exposição que os mesmos augustos senhores se dignaram inaugurar no dia 3 do corrente pelas tres horas e meia da tarde.

A exposição tem sido extraordinariamente concorrida, continua aberta e é um bello espectáculo para os olhos, um espectáculo duplamente consolador porque é uma boa obra de caridade, e uma bella obra de arte portugueza.

Não quizemos na nossa chronica do primeiro do anno dar cabida a noticias tristes, mas não podemos hoje deixar de nos referir a ellas, porque na extensa necrologia das ultimas dias do anno que findou e dos primeiros do anno, que começa, ha nomes illustres e queridos cujo desaparecimento do registo dos vivos não queremos deixar de notar aqui.



DR. THEOPHILO FERREIRA

Um d'esses nomes é o do dr. Theophilo Ferreira, um valente luctador que encontramos logo ao entrar na vida, nos bancos das escolas, homem já feito, mas trabalhando corajosamente, com uma grande força de vontade, para conquistar um nome, uma posição, para ser alguém.

E triumphou, e venceu, e na idade em que muitos já cansados do estudo, do trabalho, desanimam da lucta, elle entrava para a escola medica, e com uma tenacidade e uma perseverança raras, fazia o seu curso e conquistava a sua carta de medico cirurgião.

Theophilo Ferreira exerceu clinica, meteu-se na politica, foi deputado, mas a causa da instrucção popular foi a que mais sympathias lhe mereceu, e a ella se dedicou de corpo e alma.

Era director da Escola Normal de Lisboa. A morte surpreendeu-o ainda na força da vida, quando muito havia a esperar da sua intelligencia e da sua infatigável actividade.

Falleceu no dia 12 de dezembro ultimo. Era um homem de bem, um bello coração e um bello caracter; tinha muitas e justas sympathias, deixou muitas e fundas saudades este benemerito açoriano.

Outra morte que fez profundissima impressão em Lisboa, foi a do illustre operador Arthur Ravara.

O dr. Ravara, natural d'Aveiro, que depois de ali exercer clinica durante muito tempo, viera ha coisa de quinze annos estabelecer-se em Lisboa, era muito considerado como operador, pois era um dos mais habéis cirurgiões do nosso tempo, discípulo querido do grande operador Antonio Maria Barbosa, que o tinha em grande apreço, muito querido como homem, pois á grande sympathia de que elle tinha o condão, juntava as mais elevadas qualidades de coração, de caracter e de intelligencia.

Apresentado em Lisboa como cirurgião pelo dr. Barbosa, Arthur Ravara, mereceu do seu notavel talento, da hombridade do seu caracter, e da dedicação e cuidado que tinha pelos seus doentes, fez rapida carreira e foi dentro em breve um dos medicos mais afamados e mais procurados de Lisboa.

A sua notavel pericia como operador, o exito feliz que coroou quasi todas as suas operações deram-lhe grande nomeada; el-rei D. Luiz nomeou o medico da Real Camara, e durante muitos annos o dr. Ravara fez serviço effectivo no paço.

Muito alegre, muito expansivo, excellent conversador, o dr. Ravara andava ha uns tempos a esta parte, tristonho, reservado, de poucas palavras.



DR. ARTHUR RAVARA

Porque era essa transformação?

Porque medico, descobrira em si mesmo uma doença terrivel, fatal, que nunca perdôa e contra a qual é impotente toda a sciencia, uma doença que qualquer dia, quando menos o esperasse, o havia de matar fulminantemente, sem se fazer anunciar, sem dar tempo a preparativos — a aneurisma; porque, esposo amantissimo, pae estremosissimo, andava a tortural o, desde esse momento, a idéa da separação proxima e inevitavel da esposa que adorava, dos filhos que estremecia; porque, chefe de familia exemplar, e medico honradissimo, fazendo da medicina mais um sacerdocio do que um meio de enriquecer, sabia que quando a morte lhe batesse á porta, o que não podia ser tarde, elle levaria para o outro mundo a consciencia tranquilla de ter sempre cumprido, como homem e como medico, o seu dever, mas não deixaria n'este, largos haveres, com que os seus pudessem continuar, sem preocupações a vida farta, desafogada e feliz, que elle com o seu trabalho infatigavel de todos os dias, lhes dava.

E eram estas tristes apprehensões, que nos ultimos mezes da vida transformaram o genio jovial e folgazão do dr. Ravara, lhe apagaram nos labios o sorriso alegre, que lhe era habitual.

O medico não se enganara no seu lugubre prognostico.

No dia de Natal, ao meio-dia, quando no hospital Estephania se preparava para fazer a uma doente uma d'essas difficéis operações, que tinham sido a sua gloria, no momento em que ia a pegar nos ferros para operar, o dr. Ravara cahiu para o lado morto, sem soltar uma palavra, um gemido, a morte instantanea, fulmiante, que elle a si proprio vacticinára.

A noticia correu logo a cidade toda e foi ao encontro da esposa de Ravara, que muito despreocupadamente andava passeando com suas filhas n'esse dia de festa para todos, que para aquella desgraçada familia foi um dia terrivel de lagrimas e de dôr.

O cadaver do dr. Ravara foi, segundo o desejo que muitas vezes em vida expressára, transportado para Aveiro e ahi ficou depositado na capella da sua casa.

Em Lisboa o cadaver foi acompanhado á estação do caminho de ferro por grande numero de amigos, que Ravara tinha muitos e dos mais dedicados; em Aveiro, o dia do seu enterro foi um dia de lucto na cidade, que o adorava como um dos mais illustres, mais benemeritos e mais gloriosos dos seus filhos.

Pobre e querido doutor Ravara! A pessoa que escreve estas linhas, que o conheceu muito de perto, que teve occasião de avaliar bem os thesouros de bondade que havia no seu coração, sentiu profundamente a morte do illustre medico e é sinceramente consternado que d'aqui envia os seus sentimentos pezames á desolada familia.

Gervasio Lobato.

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM

MEMORIAS

Se eu tivesse a viva sensibilidade dos meus vinte e cinco annos, não escrevia tão cedo sobre a morte d'elle: chorava! Agora, quando perco mais algum dos que amei, já me não soccorre o desafogo d'uma lagrima! Na epocha em que o conheci, tinha elle vinte annos, e eu dezeseis. Foi no Café Freitas, ao Rocio. Estava Luiz Augusto Palmeirim com o Marquez de Niza, José da Ponte Horta e Fontora, que morreu louco. Palmeirim publicava versos. Em mim começava a palpar o amor da arte, não menos colorido, vehemente e ideal do que o primeiro amor que nos sorri nos olhos d'uma mulher! O sorriso da arte é mais constante; não amortece, nem se apaga nunca! A mulher, ás vezes, paga-nos os sacrificios com a ingratição, e morde-nos com o ciúme! A arte acaricia nos na desventura, e compensa-nos a dedicação com o sonho da gloria!

Palmeirim era, como eu, expansivo. Desde o primeiro aperto de mão, ficamos amigos. N'um periodo de mais de quarenta e cinco annos, nunca houve uma sombra entre ambos! Acompanhei-o em todos os passos da sua vida; so o não acompanhei á sepultura, porque tive noticia da sua morte depois do seu enterro!

Henri Heine, diz algures — salva a redacção — que é requintado prazer seguir o prestito funebre de um inimigo fidalgo!

Deus me defenda de tal prazer! Despedirno nos, na ultima morada, de um grande amigo, sei eu que tem, no travo da saudade:

«Delicioso pungir de acerbo espinho!»

Rebentou a revolução da Maria da Fonte. Palmeirim pôz-se a serviço da Junta do Porto, como ajudante de ordens do conde das Antas. Uma noite, no theatro do Porto, teve os clarões mais brilhantes da sua vida, clarões que só se dão nos primeiros alvôres da mocidade!

Depois da batalha de Torres Vedras, o governo da rainha, meteu a bordo de um navio de guerra homens de elevada posição, que tinham ficado vencidos, e mandou-os para a costa d'Africa.

Luiz Palmeirim, n'um impeto de exaspero e dôr, escreveu os *Desterrados*.

Uma noite, no theatro, que transbordava de patriotas, recitou os versos palpitantes, pallido e profundamente commovido! Realisou-se o preceito de Horacio: commoveu os outros!

Foi um entusiasmo louco! Os versos, á falta de primor na fórma, tinham faiscas d'amor e de colera:

«Não ouves os gritos das mães consternadas,
Chorando o seu fado, pedindo perdão?
Não ouves as turbas na praça apinhadas,
Por entre soluços, bradar «maldição»?»

Não é este o momento, nem tenho cabeça para fazer a critica imparcial do valor litterario de Palmeirim. Descurou sempre a fórma; foi o seu grande erro, erro que tem sido fatal a muitos; mas tinha o sentimento, a veia popular. Nenhum poeta dos nossos dias calou tanto no coração do povo. Ha vinte annos que eu ouvi na Beira, e já tinha ouvido antes, o *Guerrilheiro*, a *Vivandeira*, a *Aninhas*, cantadas pelos raposodistas, que suppunham o auctor anonymo.

Uma das feições mais notaveis de Palmeirim era a vivacidade de espirito, na promptidão da replica, no dito agudo, no epigramma gracioso. Um alviçareiro chegou um dia ao grupo onde nós estávamos, e deu, triumphante, a nova de que um conhecido nosso pedira em casamento uma senhora entrada em annos, e de notavel fealdade. Palmeirim disse logo:

Já é ser pedinchão!
Uma tarde, andávamos os dois no Passeio Publico, quando defrontámos com um cabo, e uma mulhersinha, vestida em corpo, como se dizia n'esse tempo. O cabo era um mocetão desempenado, de olho peninsular coruscante; ella, uma desastrada creatura.

Palmeirim tocou-me no braço e observou:
—Mal empregado cabo com tão má folha!
Uma noite, no Café Concerto, entrava a porta uma mascara de desmesurada altura. Palmeirim atravessou-se-lhe diante, e disse, com gravidade authoritaria:

—O sr. não pôde entrar.
—Porquê? Não venho de mascara militar, nem religiosa...

—Vem, sim senhor, vem de Altissimo!
Coitado! como era alegre! Todas aquellas di-

cacilidades não passavam da flor dos lábios; no coração generoso não havia sombra de maldade!

Eu escrevo isto a sorrir! O sorriso é, às vezes, mais uma triste apparencia a que nos obriga este mundo!

Adorava a mulher e os filhos: a mulher, não só exemplo de esposa e de mãe, mas uma das senhoras de intelligencia mais perspicaz que tenho conhecido!

O amor pela familia era, n'elle, exaggerado. Trazia-o sempre inquieto, e alvoçava tambem os seus!

São muito raros os que têm este brilhante defeito!

Consta-me, que nos ultimos dias, aquelle cerebro enfermo começou a desvairar. Entre dôres cruciantes, nos intervallos lucidos, memorava scenas da juventude, e repetia nomes de amigos; sei que o ultimo d'esses nomes que proferiu, foi o meu. Hei de agradecer-lhe a fineza, quando nos tornar-mos a ver, e não tardará, por que apesar da minha tempera, estou atravessando a epocha mais amarga da minha vida! Emfim, com um pouco de animo e de bom humor, tudo se vence! E quando não, a morte não será tão feia como a pintura!

Logo na semana seguinte a succumbir Luiz Augusto Palmeirim, caiu o meu querido Pedro Corréa—alma de crystal e de luz! Tambem hei de fallar d'elle! Será para outra vez; hoje estou cansado!

Revolver a terra das sepulturas, vigorosa e trabalhadora, fatiga o coração!

Monte de Caparica, Torre.
Dezembro 24, 1893.

Bullão Pato.

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM

NOTAS BIOGRAPHICAS

A vida publica do illustre escriptor foi uma das mais trabalhadas e tambem das mais honrosas.

Damos em seguida alguns apontamentos que conseguimos colher:

Nasceu Luiz Palmeirim em Lisboa, a 9 de agosto de 1825, tendo, por conseguinte, fallecido com 68 annos de idade. Destinado á carreira militar por seu pae, o tenente general, conselheiro de guerra e governador das armas do Alemtejo, Luiz Ignacio Xavier Palmeirim, sentou praça no regimento de infantaria 16, havendo concluido o curso do collegio militar, onde entrara em 1834.

Em 1847, ao serviço da Junta do Porto, tomou parte activa nos acontecimentos politicos d'aquella epocha, servindo como ajudante de ordens do Conde das Antas e do Barão de Fornos d'Algodres.

Terminada a guerra civil, deu baixa do serviço militar, sendo depois reintegrado no mesmo serviço em 1851, e, n'este mesmo anno, nomeado secretario geral do governo civil de Portalegre. Não accceitou, porém, esta nomeação; em 1852, foi nomeado amanuense de 1.ª classe do ministerio das obras publicas, e, em 1859, segundo official e redactor do Boletim d'aquelle ministerio.

Em 1865 foi nomeado primeiro official da respectiva secretaria, chefe de secção da repartição de agricultura, e em seguida (junho de 1865) chefe do gabinete do ministro.

Em virtude das reformas burocraticas de 1868, passou, em janeiro de 1869, a exercer as funcções de chefe da repartição do archivo e bibliotheca até 1878, epocha em que foi transferido para chefe da repartição de estatistica, na mesma secretaria do ministerio das obras publicas, vindo ainda depois a exercer ali o logar de chefe da repartição de agricultura até 1886.

Em maio de 1878 foi nomeado director do Conservatorio Real de Lisboa.

Em 1882 foi eleito, por Amarante, deputado ás côrtes.

Entre muitas e variadas commissões que exerceu, apurámos que foi em 1853 nomeado censor litterario do theatro de D. Maria II; em 1856 vogal da commissão de censura litteraria e artistica junto á inspecção geral dos theatros, commissão de que faziam parte Lopes de Mendonça, Mendes Leal e Silva Tulio, até que a mesma commissão foi extinta. Por portaria de setembro de 1865 foi encarregado de dirigir a publicação de todos os trabalhos officiaes relativos á primeira exposiçào internacional portugueza, realisada no Porto, n'esse mesmo anno. Foi vogal da commissão encarregada de votar o premio ao melhor drama ou comedia apresentada no theatro de D. Maria II, na epocha theatral de 1876-1877, voltando a ter novas nomeações para o mesmo fim nas epochas

de 1877-78 e 1878-79. Em 1881 foi nomeado para a commissão directora da exposiçào da arte ornamental hespanhola e portugueza e, n'esse mesmo anno, vogal da commissão central directora dos trabalhos do inquerito geral ás industrias do paiz, dirigindo exclusivamente os trabalhos do inquerito indirecto e tomando parte effectiva no inquerito directo no districto de Lisboa. Em 1884, foi eleito, pela assembleia geral da commissão 1.ª de Dezembro, para director e redactor em chefe do jornal, numero unico, publicado por occasião da inauguração do monumento aos restauradores de Portugal.

Por occasião do centenário de Camões (1880) fez parte da commissão que levou a effecto a recita realisada no theatro de D. Maria II, proferindo algumas palavras na occasião de acompanhar ao palco o eminente artista José Carlos dos Santos, já então cego.

Em 1890 foi nomeado para vogal da commissão encarregada de redigir um projecto de código theatral, e n'esse mesmo anno voltou novamente a fazer parte da commissão de censura theatral, então creada, logar que ainda hoje exerce. Pela mesma occasião foi nomeado vogal da commissão da grande subscriçào nacional.

Por portaria de outubro de 1864 foi louvado pela maneira como se desempenhou do encargo de escrever a historia do sr. D. Pedro IV, duque de Bragança, para servir de esclarecimento aos artistas que concorrerem ao concurso aberto para erigir a estatua do Rocio.

Por portaria de maio de 1881 foi igualmente louvado pela proficiencia e zelo com que dirigiu e levou a effecto, como chefe da repartição de estatistica, o apuramento do recenseamento geral da população, referido a 1878.

Outras muitas honras recebeu, taes como: Membro da associacção promotora da educação popular (1859); Socio honorario da sociedade beneficente do Pará (1862); Socio da associacção typographica lisbonense (1864); Voto de louvor da assembleia geral do Gremio Litterario, pela conferencia litteraria ali realisada (1867); Socio da Associação dos pescadores e artistas da Povoia de Varzim (1867); Socio da Sociedade de beneficencia franceza em Lisboa (1881); Socio benemerito da Associação dos professores primarios (1889); Membro do Instituto de Africa, fundado em Paris (1855), etc.

Foi condecorado com o grau de cavalleiro da ordem de Leopoldo da Belgica; commendador de numero da Real Ordem de Isabel a Catholica de Hespanha; commendador da Legião de Honra, de França, e de Nossa Senhora de Guadalupe, do Mexico.

Tinha a medalha militar de comportamento exemplar.

Em 1842 foi eleito membro effectivo da Sociedade escolastico philomatica de Lisboa, a que pertenceram Herculano, Garrett e Castilho; socio honorario correspondente do Gabinete portuguez de lei-ura em Pernambuco, em 1853, e socio honorario do Gabinete portuguez de leitura, no Maranhão, em 1855.

Em 1858 nomeado socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por unanimidade de votos.

Socio honorario da Sociedade litteraria Atheneo Maranhense, em 1861.

Eleito membro da Associação Litteraria Internacional, em 1879, e finalmente, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, em 1889.

Collaborou nos seguintes jornaes: *O Trovador*, *Revista Universal Lisboense*, *Panorama*, *Illustração Portuguesa*, *Revista Contemporanea*, *A civilização*, *Patria*, *Revista de Lisboa*, *Arte*, *Revolução de Setembro*, *Revista dos theatros*, *A Semana*, *Diario de Noticias*, *Diario Illustrado*, *Correio da Europa*, *Correspondencia de Portugal*, *Jornal do Commercio*, *Occidente*, *Jornal dos Pobres*, e em varios jornaes, numeros unicos, taes como: *Lisboa-Creche*, *Lisboa-Porto*, etc.

Muitas das suas poesias tem sido traduzidas em hespanhol, allemão e francez, e grande numero das suas canções, ddecoradas e cantadas pelo povo, tem musica propria dos maestros Rodrigues da Silva, Gazul, Frondoni, Salvini, etc.

Trabalhos litterarios, publicados em volume:

Poesias (5 edições)—*Breves apontamentos para*

uma biographia do sr. D. Pedro IV, duque de Bragança—*Carta a Alberto C. Cerqueira de Faria*—*Portugal e os seus detractores*—*Traços biographicos do dr. Custodio José Vieira*—*Galeria de figuras portuguezas*—*Memoria acerca do ensino das artes scenicas*—*A Restauração de Portugal*—*Os excentricos do meu tempo*.

No desempenho das suas funcções officiaes escreveu tambem:

Em 1878, a *Introducção e as considerações preliminares* ao censo geral da população, o segundo que se publicou em Portugal. Em 1881, o *relatorio do inquerito directo ás industrias do paiz*.

Para o theatro escreveu as pecas originaes: *Como se sobe ao poder*—*O sapateiro de escada*—*A domadora de seras*—*Dois casamentos de conveniencia*, que todas foram representadas, com muito applauso, em D. Maria II.

Traduziu correctamente e tambem ali foram á scena, com muito agrado, as seguintes pecas:

Os amigos intimos—*O Marquez de La Seglière*—*O primo e o relicario*—*A chuva e o bom tempo*, e *João Baudry*, que está inedito.

Deixou em via de publicação a seguinte obra: *No convento e no seculo* (Estudos biographicos e criticos acerca das poetizas e prosadoras portuguezas desde o seculo 15.º até ao primeiro quartel do seculo 19.º).

Conserva tambem ineditos varios discursos proferidos nas sessões solemnes de abertura das aulas do Conservatorio.

Romances e contos publicados em jornaes: *O fim do semestre*—*A familia do sr. capitão-mór*—*Aventuras d'um gallego*—*Dona Eleutheria*—*A menina dos pintasilgos*—*O aniversario d'um casamento*—*Fadario domestico de João Grainha*—*Um Camões e duas Natercias*—*A afilhada do padre prior*—*O filho do guarda joias*.

Publicou igualmente em jornaes um crescido numero de biographias de homens notaveis e multissimos artigos diversos, poesias e cartas.

D'entre as biographias lembra-nos as seguintes: *Andrade Corvo*—*Herculano*—*Conde de Casa Valencia*—*D. Americo, bispo do Porto*—*Antonio de Serpa*—*Margiuchi*—*Manuel de Jesus Coelho*—*Mendes Leal*—*Actores Theodorico e Santos*—*Freitas e Oliveira*—*Neuparth*—*João de Lemos e Carlos Bento*.

Muitas das suas polemicas litterarias foram justamente applaudidas e lhe firmaram a sua reputação de escriptor de merito.

Era, como diz um nosso collega, um polemista notavel pela força da sua argumentação e pela cortezia com que sempre tratava o adversario, embora fosse por vezes ironico, o bastante para queimar as carnes do antagonista.

Entre os seus discursos como deputado foi notavel o proferido em uma resposta ao discurso da corôa, em seguida a ter fallado o deputado republicano, Elias Garcia, respondendo a Palmeirim o deputado progressista Saraiva de Carvalho.

A Luiz Augusto Palmeirim se deve a edificacção do salão-theatro do Conservatorio, ultimamente inaugurado com uma modesta festa escolar, sendo pensamento do finado director organizar uma festa dedicada a suas magestades. Pensava tambem, mas a doença não o deixou realisar o seu intento, em fundar uma academia litteraria e musical, annexa ao Conservatorio, com o fim de promover conferencias litterarias, saraus e concertos. Deixou publicados, em projecto, os estatutos d'essa academia.

Do illustre extinto existem biographias devidas ás pennas auctorizadas de A. P. Lopes de Mendonça, Camillo Castello Branco, Candido de Figueiredo e outros.

Lisboa, homens de letras, academicos, professores, ministros de estado, empregados e collegas das corporações a que o fallecido pertencera, etc. Abeira do tumulo, o sr. dr. Thomaz de Carvalho, em nome da Academia das Sciencias, proferiu um discurso, enaltecendo as qualidades do finado.

LEITURA DE INVERNO

QUADRO DE STRUCH

Uma scena intima em que o auctor do quadro surprehendeu a gentil leitora, toda entregue á lei-



LEITURA DE INVERNO

Quadro de Struch

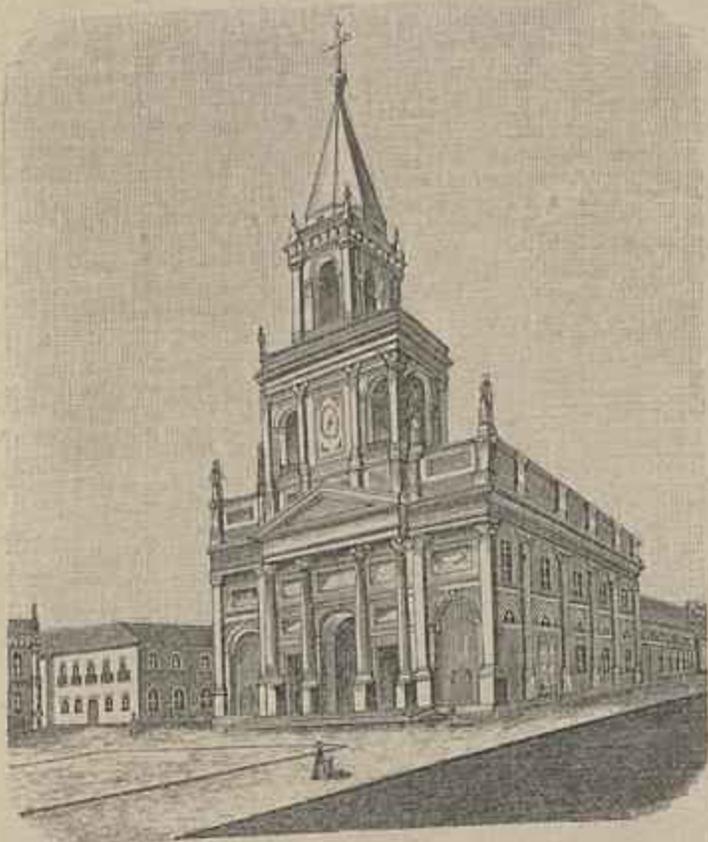
A morte de Luiz Palmeirim foi muito sentida. Por ocasião do seu fallecimento toda a imprensa da capital e provincias prestou justa homenagem ao seu valor como homem de letras, e ao seu immaculado caracter. Foi extraordinariamente concorrido o seu funeral. No acompanhamento fizeram-se representar quasi todos os jornaes de

O corpo docente do Conservatorio mandou celebrar, no dia 4 do corrente, pomposas exequias suffragando a alma do seu chorado director. A funebre cerimonia teve um caracter verdadeiramente tocante, pois todos que assistiam a este acto religioso se mostravam bastante commovidos.

tura de um livro, que decerto lhe abesorve o espirito, deleitando-lhe as longas horas de uma noite de inverno.

E' tudo o que o quadro nos diz na sua simplicidade apparente porque se devassasemos o que vae na alma da leitora, talvez descobrissemos a razão d'aquelle sorriso que lhe palpita na fronte, em algumas reminiscencias ou aventuras de amor.

BRAZIL — CAMPINAS



EGREJA MATRIZ DA CONCEIÇÃO

partimentos terreos, sendo uma casa de entrada que também é casa de jantar, um quarto de cama contíguo e uma cozinha com pequeno fogão em um dos lados e duas ou tres camas no outro. A frente tem uma porta e duas janellas aos lados e na parte posterior apenas uma porta que dá para um pequeno cerrado, no fundo do qual está um



THEATRO DE S. CARLOS

ranchos (choupana de madeira, coberta de *sape* capim ou palha) que serve de *patol* ou celloiro galinheiro, pocilga, etc. A mobília consiste em uma mesa de madeira tosca, dois ou tres bancos, duas ou tres arcas e os leitos também de madeira tosca e sem barra.

BRAZIL — CAMPINAS

Na riquíssima e tão mal aproveitada provincia de S. Paulo, dos Estados Unidos do Brazil, a 100 kilometros ao norte, está edificada a florescente cidade de Campinas, em uma planície denominada Campinas, d'onde lhe provem o nome.

Foi nos seus primeiros tempos uma simples freguezia que passou à cathogoria de villa, em dezembro de 1797, com o nome de S. Carlos, e com este nome se conservou até retomar o de Campinas que hoje tem.

O seu orago é Nossa Senhora da Conceição e foi elevada à cathogoria de cidade em 1842.

Campinas conta hoje uma população numerosa. É fora de duvida que deve a sua prosperidade maravilhosa ao prodigioso desenvolvimento do seu commercio.

Conta actualmente duas freguezias com 3:000 fogos e 16:000 habitantes, sendo uma das terras do Brazil onde a agricultura tem maior desenvolvimento. Tem estabelecimentos importantissimos. O caminho de ferro põe esta cidade em comunicação com a de S. Paulo e outras cidades importantes. O clima é regular. Contem esta cidade bellos edificios, sendo os principaes o hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficencia, já reproduzido em gravura no n.º 72 d'esta revista, a Santa Casa da Misericordia, Matriz da Conceição, Igreja de Nossa Senhora do Rosario, Theatro de S. Carlos e outros. É digna também de mencionar-se a Praça do Mercado pela sua construção solida.

Para o norte da cidade está situado o Passeio Publico e além d'este foi construido ha pouco outro ao sul da cidade, denominado bosque dos Jequitibas. Publicam-se n'esta cidade alguns jornaes entre elles a *Opinião Liberal* e a *Gazeta de Campinas*, e tem um gabinete de leitura com mais de mil e quinhentos volumes.

Desde o anno de 1879, que Campinas tem em circulação carros americanos.

O caracter dos seus habitantes é franco e agradável. O estrangeiro, que resida alguns annos n'esta cidade e saiba comportar-se dignamente, é adoptado como filho da terra e são todos para elle irmãos dedicados (1).

J. J. Gonçalves Pereira.

vro *America Austral*, carta XV dirigida ao fallecido conselheiro sr. José de Mello Gouveia.

Diz o sr. Lopes Mendes:

«A primeira compõe-se de 10 familias de allemães e a segunda de 20 familias de tyrolezes. A allemã tem vinte e oito mezes de existencia (era em 1883 e a tyroleza teve principio ha seis ou sete annos. Ambas estão em via de prosperidade. Os terrenos em que assentam são argilosos derivados da rocha schistoide e do gneis. A fazenda conta actualmente 200:000 pés de caféiro.

«As 20 familias tyrolezas compõem-se de 160 pessoas e as 10 allemãs contam apenas 50.

«Os dois despoldadores, do systema antigo, movidos a agua, despoldam 600 alqueires diarios. Cada 1:000 pés de caféiro dá termo medio 75 a 80 arrobas de café.

«A colonia das Sete Quédas tem uma superficie para 44:353 pés de caféiro. Cada 3:000 braças quadradas ou 2,42 hectares pôde conter 2:000 pés da interessante rubiacea.

«Esta colonia tem uma escola de instrucção primaria, que no anno de 1882 leccionou a 54 alumnos. Actualmente é frequentada so por 28 alumnos, por terem abandonado a colonia algumas familias.

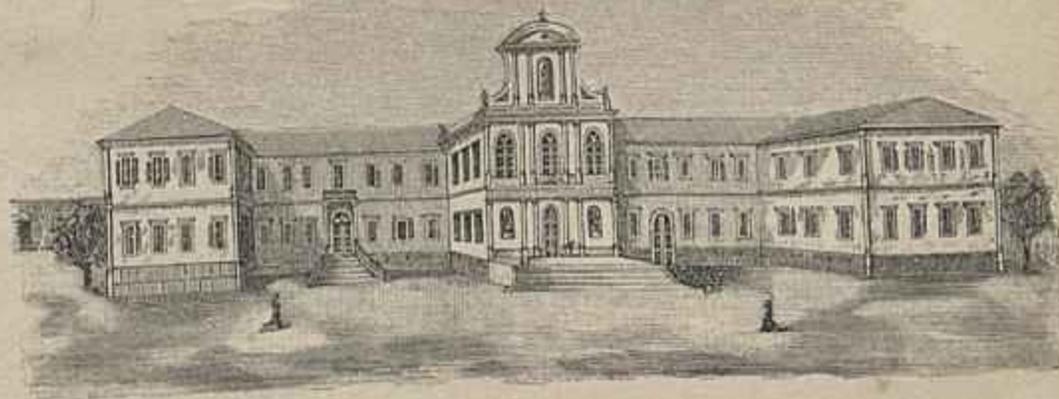
«As casas dos colonos tem cada uma 40 palmos de frente sobre 40 de fundo, dividida em tres com-



EGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO

«As casas em numero de 23, são construidas de madeira e taipa, rebocadas e caiadas de branco, tendo no sôpe uma faixa pintada de roxo-terra. Cada casa custa 1:000.000 réis.

«A direcção das colonias está confiada ao sr. Lino Bueno de Godoy, sendo sub-director Leonardo Stenico, tyrolez.



EDIFICIO DA SANTA CASA DA MISERICORDIA

(1) São importantissimas as colonias estabelecidas em Campinas e d'ellas nos dá noticia o illustre viajante portuguez, sr. Lopes Mendes, no seu li-

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL

O CANHÃO PNEUMÁTICO DE ZALINSKI

Como se sabe, o governo do marechal Floriano Peixoto, no Brazil, comprou aos Estados Unidos da America, alguns navios para assim poder combater a esquadra insurrecta commandada pelo almirante Mello, os quaes, já construídos e denominados, foram respectivamente chamados, o *El Cid*, *Nichteroy*, o *Britannia*, *America*, e uma caça torpedeiros, antigamente *Aurora*, *Gustavo Sampaio*, sendo esta ultima comprada em Inglaterra.

Mas não se limitou o governo brasileiro a adquirir os navios, mas sim, tambem, armamento especial e tão especial que só a ideia do quanto elle é de effectos terríveis augmenta o anseio dos que tem pelo Brazil, um amor profundo.

No dia 21 de dezembro passado, dizia de Pernambuco, um correspondente particular d'um jornal de Lisboa, que n'aquelle dia se encontrava fundeado alli um grande vapor, chegado da America do Norte, que estava armado conduzindo o celebre canhão de dynamite, sendo considerado por si só, uma verdadeira esquadra.

Este vapor era o antigo *El Cid*, agora chamado *Nichteroy*.

Além do canhão referido, o *Nichteroy* transportava canhões de tiro rapido e metralhadoras.

No novo navio brasileiro, concorre um elemento notavel que sobrepuja o *Aquidaban*, navio almirante da esquadra insurrecta, é que tendo este uma marcha muito lenta, isto é umas seis a sete milhas por hora, o *Nichteroy* pode caminhar á razão de vinte e quatro, o que em pequenos percursos lhe permite andar uma milha em tres minutos.

A nossa gravura representa o temível canhão que acima citámos, o qual segundo os calculos feitos pode lançar cargas de vinte e cinco kilos de nitro-gelatina a uma distancia de quatro mil e novecentos a cinco mil metros. Acompachando esta enorme machina de guerra, levava o *Nichteroy* cem projecteis, contendo no todo dez toneladas de nitro gelatina, arrumados no porão muito abaixo da linha d'agua, para evitar que uma bala dos adversarios, os alcançasse, inutilizando tudo, pois que canhão e navio, iriam pelos ares!

É certo que a mais potente das couraças existentes pode ser reduzida a pó por uma só das descargas do estupendo canhão. A força é tal que estes projecteis de nitro-gelatina cahindo na agua conservam a sua energia sobre uma superficie de cem metros. Basta que rebente a treze ou quatorze metros distante d'um couraçado para o submergir.

No caso de dar contra objecto solido o projectil faz explosão instantanea, e se mergulha na agua como dissemos, a explosão não se faz logo mas só quando tiver mergulhado o bastante para levantar uma columna d'agua immensa, terrível destruidora.

Os tiros do novo canhão cujo comprimento é de sessenta metros e quarenta seis centímetros e de trinta e oito centímetros de calibre são dados por elevação com curvas de enorme altura para assim, com uma flecha grande, cair o projectil de alto para baixo e produzir o maximo effecto a explosão. Distingue-se este novo engenho de guerra dos outros similares, em que mais aproveita o tiro, se o navio se apresenta de proa em popa do que de costado, — pois que, da primeira fórma todo o eixo maior do navio é alvo e da segunda só o é o eixo menor. Dizem alguns technicos que se podessem uns bons atiradores com um canhão revolver apontar á granada em marcha, ella faria a explosão no ar, o que não é facil de conceber pois que era preciso um sangue frio extraordinario por parte dos atiradores, que vendo caminhar contra si um tal torpedo, sabem que se lhes não acertarem serão victimas d'elle.

Tal é a estopenda e formidavel arma que o almirante Mello vae ver entrar em acção contra elle, dirigida por um seu compatriota, por um seu irmão!

O inventor d'este canhão o sr. Zalinski, capitão do exercito dos Estados Unidos, não obteve do seu governo a actorisação necessaria para acompanhar o espantoso engenho destruidor, isto por recear o governo americano que o menor choque que as dez toneladas de nitro gelatina embarcadas no *Nichteroy* soffressem, fizesse ir o navio pelos ares.

Será, pois ao Brazil que está destinado o fazer, uso pela primeira vez, de tão potente canhão, machina que atira torpedos que andam trescentos metros por segundo?

CINCO DOIDOS ILLUSTRES 1

Conheci-os a todos cheios de vida, de saúde, e de talento. Sentei-me com alguns d'elles nos bancos das escolas; encontrei-me com os outros nos acampamentos militares em plena guerra civil. N'esse tempo todos nós eramos rapazes. Sorria-nos o futuro, aspiravamos as brizas perfumadas das crenças vivas, dos bons affectos, das opiniões sinceras. O que pretendiamos nenhum de nós ao certo o sabia; mas o nosso culto pela liberdade era desanuveado de calculos, de intrigas, e de ambições mesquinhas. Em pleno vigor da mocidade todos nós, elles, os que perderam mais tarde a luz da razão, como eu que compartilhava das suas esperanças, e tambem das suas illusões, viamos o mundo, os homens e as coisas pelo prisma cor de rosa das nossas consciencias immaculadas.

Ai, que se elles fossem ainda vivos, e já agora encarnecidos como eu, como os não devorariam as saudades dos bons tempos em que a grande musa — a mocidade — nos befejava, dando nos alentos para todos os amores esforço para todas as ousadias!

O passado é, para quem envelhece, como um vasto cemiterio povoado de cruzes negras, eternos symbolos de saudades não menos eternas. E' sob os cyrestes que dormem muitos dos que nos foram caros, e com elles, quem o sabe quantas idéas generosas, quantas glorias ainda não de todo desabroxadas ao sol vivificante dos applausos publicos!

Quem me diria a mim que n'estas linhas que vou escrevendo, havia tão a miúdo tarjar de negro as minhas recordações, affastar o pensamento do bulício da vida actual para o concentrar na meditação de quantas esperanças tenho visto, desfolhadas pelo sopro impietoso do destino!

Mas, se fosse só a morte! A morte é o termo banal da existencia. Temel-a é dar-lhe occasião a que ella mais depressa se approxime de nós. O que horrorisa é viver já morto. O que é a maxima das desventuras é sentir que se nos apaga a luz da intelligencia, é vermos tudo escuro em volta de nós, sonhar accordado esses mil sonhos da loucura, phantasmas que de nós se apoderam e que em danças infernaes se agitam e se estorcem perturbando-nos a razão.

E recordar-me eu que cinco amigos, que cinco nobres intelligencias, foram devoradas pelo monstro da loucura, e se extinguiram nas lugubres cellas do hospital de Rilhafolles dois d'elles — suprema irrisão da sorte! — no mesmo edificio em que haviam sido educados, quando, o hoje hospital de alienados, se intitulou real collegio militar!

O primeiro dos meus desgraçados amigos que foi empolgado pela garra nervosa da loucura chamava-se Lobato Pires. Era um moço alegre, esbelto, de formosos olhos negros, rasgados, reflectindo tudo quanto de amavel lhe ia n'aquelle espirito levantado e ardente. Fora meu camarada no collegio militar, e ao cingir a banda de alferes julgára-se, como todos n'aquelle idade, fadado para os mais prosperos futuros. Quasi ao sair das fachas infantis dominara-o esse genio malefico que se chama a poesia. O pobre moço se a havia de receber como uma corteza impudica, deixou-se dominar por ella. Para Lobato Pires a poesia não era simplesmente uma arte era a sua propria vida, o seu sangue, a sua essencia. Tomára a serio os sorrisos da desvaireza, e entregou-se lhe de corpo e alma! Elle o moço modesto e bom enquanto não mordida no pomo prohibido, tornou-se um exaltado um visionario. Quiz acalmar os nervos, descer ao mundo das realidades, casou-se. E'nos defeso dar publicidade ao curto drama intimo que se desenlaçou com a viuvez prematura do joven allucinado. A morte da esposa, que mal tivera tempo para ver desfolhada a sua candida grinalda de flores de laranjeira, em vez de lhe mostrar a feição pratica da vida, exaltou o ainda mais.

Aquelle sorrir franco e bom que todos lhe conheciam, tomou um geito satânico, desconsolador. As faces encovaram-se-lhe e os olhos amorteeceram-se-lhe. Foi n'este periodo de desanimo e de desesperança que Lobato Pires escreveu o drama em um acto e em verso, que intitulou *Amores de Poeta*.

Era a ultima phase do seu talento, e a primeira denuncia da loucura! Devorava o já então o

vulcão interno que havia de consumi-o pouco tempo depois. Nos jornaes da epocha começaram a apparecer então umas tristes correspondencias. A vida domestica do pobre poeta era agitada, incoherente, tumultuosa. O vulgo aproveitando-se com avidez das confissões d'aquelle espirito perturbado, caluniava-o.

O crime de Lobato Pires era o ter querido transplantar para a vida positiva idealismos da poesia. N'esta lucta tremenda e desigual sossobrou-lhe o espirito. Endoideceu! A grande maioria dos medicos alienistas creem que a loucura é hereditaria. Não sei se Lobato Pires teve na familia algum ou alguns d'esses grandes desherdados da razão que se chamam doidos; se os não teve seria elle, coitado o primeiro da sua dynastia — se tivesse tido a infelicidade de deixar descendentes.

Diz-se, e é certo, ser perigoso brincar com fogo, e muito mais ainda com o da poesia.

Lobato Pires, não o pensando, fez crescer as azas na mesma chamma que lhe irradiara de fulgores o espirito antes de o precipitar na escuridão da demencia.

A este infeliz vae seguir-se um outro amigo mais infeliz ainda. A'quelle matou-o o amor, a este vae devorar o o trabalho improbo, herculeo, fabuloso. Conheci-o ainda na adolescencia. Era um moço de tez branca, cabellos louros, olhos azues, de um parado triste e assustador. Tinha-lhe sido difficil entrar na vida, e mais difficil ainda luctar contra a onda esverdeada do sarcasmo insciente e estulto. Não lia, devorava os livros. Era um apaixonado da arte em todas as suas variadas manifestações, um crente, um entusiasta.

(Continúa)

L. A. Palmeirim.

O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

(Continuado do numero anterior)

— Mocidade, mocidade; *Florens actas!* — desculpou benevolamente um conego bonacheirão que fazia sarilho com os pollegares, de mãos cruzadas no ventre farto.

Entretanto, D. Balthazar de Lara não interrompia as suas romagens a Silgueiros. A primavera, em torno de elle, cantava epytalamios; aves e flores nasciam pelos agrestes onde tintinavam as primeiras cantigas do «sacho», e no esplendor glorioso de aquelle renascimento pagão, o seu sarriso meridional accendia-se todo em impetos de amor, em ternuras que lhe aqueciam os labios para beijos e o coração para idyllios de novellas, com frescuras de agua e sombras emballadas de ramaria verde.

Era por essas tardes mansas de primavera plena, que elle abandonando-se muita vez ao trote largo do seu valente fouveiro, recordava todos aquelles episodios doces em que o seu ser se elanguencia como n'um banho de perfumes: — o primeiro olhar n'um sarau de provincia, o primeiro alvoroço de amor succedendo ao primeiro olhar... E recordava o fino contraste da pallidez romantica de Luiza, com o negro intenso dos cabellos e dos olhos largos onde boiava todo o seu espiritalismo de creança que amara sem saber, e que só percebera o alvoroço intimo depois que uma insomnia de saudade illuminara n'um funil de somnambulo o perfil indeciso d'aquelle galhardo moço, que tão enlaçadamente jogava os passos difficeis da galharda e do minuete.

Tinham-se visto e tinham-se amado: e não ha amor mais definitivo do que o que nasce de esta poesia primitiva do primeiro olhar.

D. Balthazar emocionado ainda pelo primeiro alvoroço, foi colher informações. — Explicaram-lhe que a menina era de uma das mais nobres familias da Beira, aparentada com o melhor de aquelles sitios, mas de fraca saúde, infeccionada por uma hereditariedade funesta que lhe matara o pae, com uma tísica, na idade viril de trinta e oito annos.

Isto, longe de o atterar, foi um novo incentivo de amor para o fidalgo. Luiza então appareceu-lhe com uma aureola de martyr predestinada; a sua pallidez e a sua magreza hieratica, que lhe davam um destaque fidalgo entre a ala bochechuda das morgadinhas coevas, começaram a attrahir D. Baltazar com uma febre de romance: tanto mais ancioso em possuil-a, quanto mais se con-

(*) Este artigo é o ultimo trabalho litterario do fallecido escriptor Luiz Augusto Palmeirim, que o destinava ao *Ocidente* e que, o deixou inedito, obtendo nós o original por extrema amabilidade da familia do auctor, o que muito agradecemos.

vencia de que a morte lh'a disputava como n'uma rivalidade de homens.

N'aquelle tempo, sentimentos de estes eram raros; o que os namorados de então geralmente procuravam, em amores sérios, era bons vinculos illigaveis e uma esposa robusta, de cores saudias, que fizesse acreditar n'um ventre uberrimo de boa mãe.

Mas o frade dominico a quem coubera a educação litteraria de D. Balthazar, não cuidou muito de lhe occultar certos livros profanos que abundavam na bibliotheca paterna, e o moço esquentado pela leitura de novellas e por aventuras de irmãos mais velhos, começou a manifestar um de esses temperamentos meridionaes generosos e levianos, de uma ternura facil, mixto de creancia e bravura, caracter outr'ora tão nacional, — de que é prova, o Portugal antigo; pequeno e heroico.

D. Balthazar era gentil e fez-se amar. O seu perfil um tanto duro, de linhas de raça, como que se diluía na expressão doce dos olhos escuros e largos, onde parecia boiar uma transcendente melancolia de sonho. Em toda a sua pessoa, parecia haver um magnetismo de heroe de romance; a força de emitir os personagens queridos das suas leituras, tinha alcançado um bello ar de poeta guerreiro, que leva na bandeira da sua lança de guerra, a divisa do seu amor correspondido.

D. Luiza Cordovil attentou na insistencia de certos olhares, e depois do sarau, em que primeiramente se avistaram, facilitou-se a vista ansiosa do cavalleiro que começara a rondar-lhe a casa.

Correram tempos n'este colloquio. D. Balthazar viera hospedar-se em casa de um primo solteiro que passava o dia em caçadas por montados distantes, e vinha regularmente a Silgueiros, respondendo com o seu olhar a impaciencia de certos olhos que discretamente o espreitavam de entre as adufas dos Cordovis de Lencastre. Sem se fallarem, sabiam o que fulgar um do outro; mas D. Balthazar não se satisfez com isto, e um dia, completando afinal a sua obra de suborno n'um lacão da casa mandou a Luiza uma longa carta, cheia de ternuras lyricas e de planos nupciaes: — carta, emfim, de quem lera Rodrigues Lobo e as *Aventuras da constante Florinda*.

Foi um martyrio para Luiza, aquella carta. Sobre o medo que lhe veio de tal audacia, tanto em desuso então, acrescia que a fidalguinha a custo sabia ler o seu livro de orações; e longo tempo esteve perplexa, a vista d'aquelle vasto papel cheio de letras pomposas, como a escriptura d'um tabellião. Lembrou-se de devolver a carta com a confissão plena da sua insufficiencia litteraria; mas depois, pensando na bonhomia do tio padre Lopo, resolveu recorrer á erudição do bom velho que outr'ora teimara evangelicamente em inicial-a nos mysterios do a b c.

O momento de investida, escolhido, foi depois de jantar, á hora em que o bacharel em canones desbra de larangeiras, esperando que o somno chegasse a interromper a leitura piedosa.

In o padre a meio do caminho, entre a alfazema viscosa que bordava os canteiros, quando ouviu passos atraz de si. Voltou-se e viu Luiza.

— Ah! és tu sobrinha? — disse elle satisfeito. — Vens ás rosas para a capella? Estão aqui algumas de primor! — E indicava uma roseira onde corollas escarlates sangravam.

Luiza, de subito acobardada, sumiu mais no seio a carta de D. Balthazar, e murmurou indecisamente:

— Sim, são lindas, vou levar algumas. . .

E enquanto o padre a observava, ella começou de colher flores, com movimentos febris, alheada.

Detiveram-se ali muito tempo. Luiza prolongava a tarefa, acobardada pela figura do padre, retardando infantilmente o momento critico de mostrar a carta mysteriosa. E colhia flores sem cessar, levava as ás braçadas para um banco de pedra, e voltava de novo á fuina, esperando que qualquer incidente lhe fortalecesse a energia.

— Oh menina! tu levas o quintal de fio a pavio! Ui! para que queres tu tanta rosa?

Ella lançou a vista ao monte de flores que o tio lhe indicava com o dedo em riste.

— Sim, já são bastantes. . .

Foi para um caramanchel de vides enramal-as. O padre sentára-se ao lado d'ella, correndo a vista preguiçosa pelas folhas amarellas do breviario; quando a quando, desviava um olhar affectuoso para a sobrinha, admirando lhe a agilidade de ramalheteira. Por mais de uma vez encontrou os olhos d'ella, analysando-o de soslaio, e pasmava ás vezes de certos movimentos precipitados de Luiza, cujas mãos tremiam de nervosas.

— Terás tu maleitas, pequena? A modo que te vejo com tremuras! . . .

— Tremuras? . . . repetiu ella, corando, enleada.

— Sim, doe-te alguma coisa?

— Não, senhor, é que . . .

— Tens assim a modo de cousa quente dentro de ti?

E vendo Luiza com a mão no seio, forcejando por tirar a carta atormentadora, o padre exclamou:

— E' ahí? Doe te ahí, menina? . . .

Mas ella tirára a mão d'entre o justillo verde-mar, e apresentando o papel ao tio, disse por fim, com uma voz de caricia:

— O tio lê-me isto, lê? . . . E' um papel que me deram. . . que me deram, não: que eu achei no jardim. . .

— Achaste no jardim? . . . Queres tu ver que é a escriptura da bouça das Rapozeiras, que eu hoje procurei toda a santa manhã! . . .

E com gesto rapido, deixou o breviario, conchegou os olhos, e leu as primeiras linhas com voz indecisa e ligeiramente surprehendida. Luiza, ao lado, debruçava-se para o manuscrito, com um ansioso rubor na face.

— Isto ha de ser coisa de novella. . . fez o padre, interrem, tendo-se. — Ha de ser obra do tabellião Pires, que andou hontem comigo por aqui.

E, já sem curiosidade, continuou a leitura, dando á voz sermonal entonações d'effeito. De subito, teve um movimento estranho, e voltou os olhos espantados para a sobrinha:

— Oh menina, aqui está o teu nome! A modo que parece missiva da galanteria! . . . Olha, escuta o que elle aqui diz!

E o padre tomando a carta com uma só mão, para deixar á destra a liberdade de haer o compasso das palavras, leu pausadamente:

«E enquanto a vós, formosa D. Luiza, se vos compadeceis do pobre amante que arde na luz dos vossos olhos, fareis a felicidade de quem deseja tãmsomente fazer a vossa; um sacerdote abençoará a nossa união, e depois. . .»

(Continua.)

A EMBAIXADA DE JUNOT EM LISBOA

I

A *Revista dos dois mundos*, de 1 de janeiro do corrente anno, publica um artigo do sr. Charles de Mouy intitulado *L'ambassade du general Junot à Lisbonne d'après des documents inédits*. Fomos lél o com avidez, mas a nossa curiosidade ficou perfeitamente desapontada. Apesar do sr. de Mouy dizer em nota que se serviu dos despachos inéditos de Junot existentes nos Archivos dos Negocios Estrangeiros e nos Archivos Nacionaes, e certo que as cartas de Napoleão já publicadas nos tomos x e xi da sua Correspondencia, os volumes v e vi das *Memorias* de M.^o Junot, duqueza de Abrantes, já nos tinham esclarecido largamente a respeito dos acontecimentos d'essa curta embaixada, e o leitor que percorrer os ultimos volumes da nossa *Historia de Portugal* encontra os amplamente narrados.

O sr. de Mouy, devemos dizel-o, não se mostra demasiadamente hostil a Portugal; reconhece que o nosso paiz estava collocado n'uma situação difficil pela guerra entre a Inglaterra e a França, e que era impossivel exigir d'elle que rompesse abertamente com uma nação a que nos ligavam as tradições, que o sr. de Mouy, como é natural, considera nefastas, da nossa politica.

Façamos comtudo desde já uma observação: Nós nunca nos aproximámos da Inglaterra: não porque a França sempre nos repelliu. As tendencias do nosso espirito, as sympathias naturaes que provém da identidade da raça, sempre nos inclinaram para a França, e a França sempre se esmerou em nos tratar desdenhosamente. O que havíamos de fazer em 1660 quando a França, que tinha alias todo o interesse em enfraquecer a casa de Austria que então reinava na Hespanha, nos abandonava completamente no tratado dos Pyreneus? O que havíamos de fazer durante o seculo xviii, quando a França, conseguindo assentar a dynastia de Bourbon no throno hespanhol, celebrava o pacto de familia, declarava que não havia Pyreneus, e formava assim ao nosso lado um colosso politico francamente ameaçador para a nossa independencia? E note-se que ainda durante o seculo xvii e o seculo xviii mais tinhamos a temer nas colonias da França que da Inglaterra! Foram expedicionarios francezes os que por mais de uma vez ameaçaram no seculo xvii as nossas possessões americanas, e foi um imperio francez o que primeiro se mostrou na India ameaçador para o nosso dominio.

Na lucta travada entre a Inglaterra e a França

no tempo de Napoleão, o nosso interesse impelliu-nos tambem fatalmente para a alliança ingleza. O nosso imperio colonial era então immenso, e a França, tão poderosa em terra, mostrava-se no mar de todo impotente. Os resultados que da alliança franceza podia colher uma nação colonial sentiu-os bem amargamente a Hollanda, que viu quasi todas as suas colonias, tão florescentes, tão prosperas, passarem para as mãos da Inglaterra, d'onde nunca mais saíram. Por isso Antonio de Araujo dizia com perfeita sensatez a mr. de Rayneval, que ficou encarregado de negocios em Lisboa depois da partida de Junot, as seguintes palavras que tinham a energia do desespero e a lucidez do bom senso:

«Fazets-nos requerimentos terríveis. Nunca Sua Alteza Real consentirá em fazer deter os inglezes nem confiscar lhes as propriedades. Se temos queixas d'elles, são insignificantes para justificar uma declaração de guerra; e principiar por uma injustiça flagrante trazer-nos-hia represalias funestas. É preciso pois n'uma tão grave questão ir direito ao facto e não deixar reservado pensamento algum. A nossa monarchia compõe-se de uma parte européa e de outra americana. É preciso perder uma d'ellas. O mais acertado é sacrificar a menos vantajosa, que é a da Europa. Em todo o caso as grandes commoções que agitam o globo nol a arrancarão tarde ou cedo. As condescendencias, com que tentassemos salvar a, serviriam sómente para deshonrar-nos. A nossa perda é inevitavel; querer luctar será uma loucura. A França desafiou e venceu a Prussia e a Russia. Que resistencia poderia oppôr Portugal ainda que fosse auxiliado por 50:000 homens inglezes? Tudo isto nos aconselha a seguirmos o caminho do Brazil! Lá ao menos pisaremos um terreno novo, e seremos senhores de não deixar entrar os germens da decadencia. Escaparemos á dependencia da França e da Inglaterra, e os grilhões de uma e de outra, sob qualquer titulo com que nos honrem, serão sempre grilhões.»¹

Parecia até certo ponto que a França reconhecia esta difficuldade invencivel, porque se prestou a reconhecer a nossa neutralidade, mas com razão observa o sr. de Mouy que, se Napoleão se mostrou assim conciliador, foi porque não estava em circumstancias de empregar a força contra Portugal. Os seus projectos contra a Inglaterra obrigavam n'ó a concentrar todas as suas tropas disponiveis no littoral da França, e depois a formação da colligação austro-russa impediu-o de novo de desviar para outro sitio qualquer dos seus corpos de exercito. Podia, é certo, confiar na Hespanha, que bem vontade tinha de se assenorear de Portugal, mas nem a Napoleão sorria a ideia de engrandecer a sua visnha, nem tambem lhe agradava dar novos encargos á Hespanha, de cujos recursos precisava para a lucta directa com a Inglaterra.

Emquanto não coagia Portugal a entrar na orbita da França, tentou Napoleão seduzir-nos. Sentese bem que não tinha grande confiança no processo, mas sempre o tentou. Se elle podesse entrar pessoalmente em scena, o seu dom fascinador era de tal ordem que podia bem ser que arrasasse o governo portuguez a actos de que já tarde se arrependeria. Não podendo ir elle proprio fez escolha de um homem, que poderia muito melhor do que o seu antecessor Lannes satisfazer aos dois fins que o imperador tinha em vista: aterrar e seduzir a cõrte portugueza e o governo portuguez.

M. Pinheiro Chagas.

ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

(Continuado do n.º 539)

Commentarios ao relatório:

Tratando d'este assumpto que é arduo para nós pelos conhecimentos especiaes que exige, diremos todavia que é extraordinario este documento pelas contradicções que n'elle se encontram.

Vejamos o relatório:

Começa elle por declarar que não foram apresentados os calculos da estabilidade do sistema, nem os planos graphicos das construções mechanicas que devem assegurar essa estabilidade entre aguas, ou das que decem dar a propulsão por via dos helices, ou a mudança de direcção por via de lemes. . .

¹ Estas palavras são de uma nota dirigida em francez por Antonio de Araujo a mr. de Rayneval, a 14 de agosto de 1807. So temos á mão a traducção portugueza publicada pelo sr. Bieker no 6.º vol. do *Supplemento á collecção dos tratados e convenções*, etc., pag. 95. A traducção, como os leitores vêem facilmente, está muito longe de ser boa.

Mas sem os indispensáveis elementos de estudo da estabilidade do barco, e sem ao menos ter sido consultado e ouvido o auctor do projecto, apresenta-se abertamente a contestar essa estabilidade?!

A comissão afirma haver originalidade no invento, mas depois esqueceu-se e diz:

A estação submarina projectada pelo primeiro tenente Fontes é, nos traços geraes em que foi apresentada e à parte a feição especial acima notada, a applicação de principios já empregados na navegação submarina. E mais adiante: Não ha pois na estação submarina projectada, e basta referir os pontos capitães do arranjo dos submarinos, desvio dos principios assentes nas sciencias phisicas nem o repudio dos processos já empregados por outros inventores.

Isto é irrisorio! Ha originalidade ou não ha.

Se ha, é claro que o auctor se afastou, ou melhor repudiou os processos já empregados por outros auctores. Se não ha desvio dos processos já conhecidos e usados então é evidente que não ha originalidade.

Mas o relatorio afirma que ha originalidade e não só na ideia de manter fundido entre aguas e em

volve o problema dos submarinos ensitecendo o auctor e o seu importantissimo trabalho.

Continuemos a historia desta já celebre questão.

A 18 de junho de 1891 o tenente Fontes em vista da inqualificavel indifferença com que a Direcção Geral de Marinha recebia o seu desinteressado offerecimento entregou o seguinte requerimento:

«Senhor: — João Augusto de Fontes Pereira de Mello, primeiro tenente da armada, tendo pedido em requerimento datado, de 28 de julho de 1890 a construcção e experiencia de um barco submarino para lançamento de torpedos, cujos planos offerencia ao governo de Vossa Magestade; tendo cumprido com o que lhe impoz o officio n.º 539 de agosto de 1890, da direcção geral da marinha sabendo que a comissão nomeada e constituída pela portaria de 10 de dezembro de 1890, já reunio, deliberou e apresentou o seu relatorio com data de 27 de janeiro do corrente anno: não tendo obtido até hoje despacho algum do seu requere-

mostrando, parece que o honrado é o ministro em ser procurado por alguém.

Lá devem ter as suas razões para assim pensarem, que nós apenas relatemos estes factos divertidos, com que os politiqueros da nossa terra fazem e desfazem reputações, sendo a prova real d'estas operações zero.

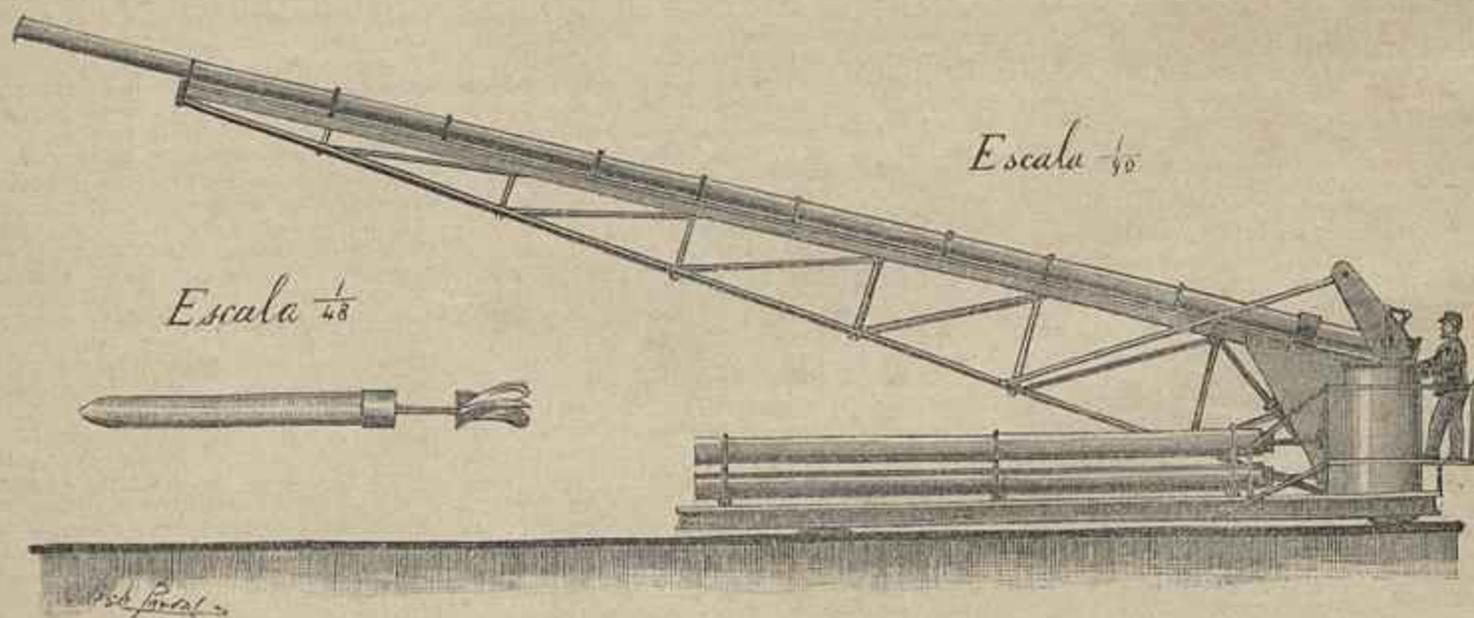
Este zero é a triste realidade da politica d'esta terra, um zero nefasto, que annulla todos os esforços que o paiz faz para se levantar e sahir do abatimento a que o tem levado os politicos com a sua incapacidade uns e com a sua patifaria outros.

Ainda n'estes ultimos tres annos Portugal tem provado quanto são grandes os seus recursos, conseguindo quasi equilibrar a sua balança de commercio, que em 1890 apresentava um deficit de cerca de vinte mil contos.

Os politicos com todo o seu talento apregoado pelas folhas que elles proprios redigem, não conseguem equilibrar as finanças do Estado, não só pela incapacidade que os distingue, mas ainda para não desequilibrarem as suas.

E' por isto que se está vendo certas corporações do paiz, entrarem, por assim dizer, em lucta com os governos, protestando contra o augmento dos impostos e pretendendo entrar na revisão ri-

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL



O CANHÃO PNEUMATICO DE ZALINSK

relação com a atmosphera, um torpedeiro submarino; ...

O relatorio diz tambem:

Conscio da impossibilidade de tornar habitavel o recinto da sua estação, mediante qualquer dos artificios indicados, e attendendo etc... o tenente Fontes rompeu abertamente com a sujeição e incomunicabilidade com a atmosphera etc...

E' forca confessar que sob o ponto de vista da habitabilidade, o submarino proposto tem a maxima vantagem sobre todos os projectos elaborados e realizados.

Isto é evidentemente um titulo de originalidade pois que o processo empregado diverge completamente dos systemas usados, dil-o a comissão. Depois diz:

Mas uma vez que de si afastou a preocupação de todos os inventores de submarinos, quanto à necessidade de occultar cabalmente os barcos, etc. Mais uma prova de novidade na estação projectada. Diz mais:

O «repudia» do systemo que Nordenfeldt adoptou e que todos os especialistas recommendam, (?) quando sejam de grandes dimensões os submarinos etc.

Novo titulo de originalidade.

E assim até ao fim este apaixonado documento que a torça de querer por todas as formas combater o invento, procurando mostrar na estação Fontes uma copia dos projectos já elaborados vaise desmentindo a si proprio, apresentando-nos originalidade em cada uma das questões que en-

rimiento, vendo assim que o seu offerecimento não é accete:

Pede a vossa magestade haja por bem permitir-lhe que retire o seu requerimento de 28 de julho de 1890.

Lisboa, 18 de julho de 1891.

E. R. M.

(a) João Augusto de Fontes Pereira de Mello.

(Continúa)

Grunete.



REVISTA POLITICA

Depois da tempestade a bonança; assim como: não ha mal que sempre dure nem bem que não se acabe.

E' o que se pode dizer da campanha levantada pelos jornaes da opposição e outros não especificados, contra o novo ministro das obras publicas.

Em logar das indignações platonicas com que investiram com o novo ministro, vão diariamente dando noticia das visitas que o dito ministro vae recebendo dos altos magnates da politica, o que nos faz pensar quanto tudo anda ao inverso do que sempre foi.

Parece que sempre foi considerado uma honra para qualquer pessoa o ser recebida e tratar com um ministro da coroa, mas pelo que a pratica vae

gorosa do orçamento do Estado, para saber por onde se absorvem os rendimentos da fazenda publica.

Neste caminho entrou a Associação Commercial de Lisboa: esta associação tão pacata, tão ordeira, mas que entendeu que a administração publica não podia continuar assim.

Já que os governos não sabem zelar os interesses do paiz é necessario, que aquellos que ainda podem ter mão no desbarato em que tudo vae, se interessem em salvar a nação da ruina em que os politicos a tem posto.

Dos politicos de officio não tem o paiz nada a esperar, e demais lhe tem experimentado as forças.

E' mister que alguns portuguezes independentes, sem aspirações à meza do orçamento, tomem a seu cargo a administração da fazenda publica, e se assim o não fizerem não teremos de que nos surpreender no dia em que estrangeiros a venham administrar.

E com respeito a eleições o que ha? perguntará o leitor.

Nada lhe podemos dizer ao certo.

Os governantees dizem que ha accordo em todos os círculos, os da opposição dizem exactamente o contrario, mas como o Carnaval vem proximo, pôde ser que tudo isto sejam pulhas de entrudo.

E' o que deve ser. Isto são tudo pulhas.

João Verdades.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho Meilasto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39